

Do Silêncio à Explosão

Algumas exposições em curso nas galerias da cidade devem merecer a atenção dos leitores, especialmente as de Ivan Freitas, na Galeria Relêvo, de Sued, na Galeria Bonino e, também a que reúne cinco jovens artistas na galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos. A Galeria do Copacabana Pálace encerrou a mostra de Márcia Barroso do Amaral (que comentaremos amanhã) e inaugurou, anteontem uma coletiva que reúne três nomes expressivos: Ivan Serpa, Djanira e Iberê Camargo.

SILÊNCIO E SOLIDÃO

Ivan Freitas é um pintor solitário, alheio aos movimentos e tendências, sempre coerente com sua própria obra. Sem se comprometer com ismos, Ivan Freitas faz uma pintura atual, sem estardalhaço, mas integrada na sua época. Quem já viu sua mostra na Relêvo, provavelmente sentiu uma grande solidão — que faz lembrar a daqueles astronautas de «2001, Uma Odisséia no Espaço». E só depois percebe que o homem está ausente de seus quadros. No seu lugar estão as máquinas, frias, metálicas, higiênicas, silenciosas. Solidão e silêncio, eis o binômio dramático proposto por Ivan Freitas. Mas trata-se de uma proposta serena, madura: em suas telas não se vê o grito expressionista, nem o protesto romântico. Formalmente, na pintura atual de Ivan Freitas houve uma redução do seu vocabulário plástico, visando maior síntese e menor redundância da mensagem. Em sua última exposição, na Santa Rosa, Ivan Freitas, estava, ainda, ligado à terra, se bem que a caminho dos cosmos. Eram imagens noturnas de aeroportos (pistas, números, luzes), já algo frias e premonitórias da sua aventura

espacial. As imagens atuais são despojadas ao mínimo porque os acontecimentos são mínimos. O que se vê mesmo é a face pálida da máquina e os interiores onde a respiração é difícil. Apenas num momento, a porta da máquina se abre e nuvens são vistas: a matéria pictórica é outra, mais grossa, inquieta. O quadro como que respira. Mas não por muito tempo. Novamente o silêncio e a solidão da máquina.

SEXO E EXPLOSÃO

A mostra do IBEU, no conjunto, é discrepante e irregular. Jean Boulie é, evidentemente, o mais fraco. Seus trabalhos em ferro são indefinidos. Não chegam sequer a ser digestivos ou decorativos. Nenhuma proposta concreta se percebe neles. Os desenhos de Angelo Hodick são de bom nível, mas me parecem ociosos. Com isso quero dizer que falta a eles, o que poderíamos chamar de uma certa tensão interior, ou pulsação. Ou pelo menos uma definição mais clara, seja em relação aos problemas do homem, seja em relação a questões especificamente plásticas. As vezes imaginamos ver em seus desenhos uma certa verve, mais isto é pouco. Enfim os desenhos de Hodick, mostram-no inseguro em relação ao próprio caminho a seguir.

Unidade existe nas obras das três expositoras. Pietrina Checcacchi é mais conhecida, mas seus desenhos surpreendem pela execução requintada, pelo tom mais intimista e até mesmo pelo tamanho. A mudança é brusca. A artista depois de sua experiência (rica de implicações e sem dúvida bastante válida) com

estandartes, retorna a um suporte tradicional: o papel. Aliás, na sua experiência anterior, mencionada, o conflito estava já latente entre alguns temas mais intimistas (o amor) e o suporte, mais aberto e urbano. Seus desenhos são finos, de execução limpa e clara e o tema (o exterior e o interior do homem) é tratado com inteligência e humor. Vânia Coutinho é uma artista em formação, mais inegavelmente possui um caráter. Sua pintura de origem expressionista, aproximando-se neste particular da escola muralista mexicana, sendo bastante evidente a influência de Siqueiros. E' por aí que se percebe, também, que a jovem artista tem necessidade de espaços mais amplos, talvez mesmo a parede. Outras prováveis influências, também expressionistas, Francis Bacon e Tamayo. Vânia procura impactuar, monumentalizando detalhes como o da boca ou da perna, que acabam por agredir o espectador. Ainda é cedo, porém, para qualquer julgamento. Creio porém, que o ponto de maior interesse da mostra é Astreia El Jaick, que desenvolve até o grotesco, a cafonice, o mau gosto, o sexo. Em sua pintura, o que pesa é sobretudo o tema, a agressão, a violência, aquelas nádegas debochadas, lançadas na cara do espectador, os cafajestes com suas gravatas enormes e coloridas. Não o tratamento da matéria, da madeira gravada, das pinceladas. Neste sentido, Astreia El Jaick é até contraditória e não está muito à frente dos pintores acadêmicos. Por enquanto, importa a explosão, que faz lembrar Henry Miller: a arte deve ser levada até as últimas consequências. Quando a gente começa com trombetas, deve terminar com explosivos ou TNT.»